

# Cadernos

## letra e ato

### Editorial

Esse ano o sexto volume *Cadernos Letra e Ato* traz uma perspectiva do crescimento do grupo de pesquisa, que inclui novos integrantes e ampliação das temáticas desenvolvidas por seus membros. Tendo como objetivo divulgar alguns resultados dos trabalhos em andamento, os *Cadernos*, como seu próprio título indica, expressa a pesquisa em fluxo, o registro da jornada pela qual cada integrante atravessa no decorrer de suas investigações e, ao mesmo tempo, o caminhar deste pequeno coletivo, o grupo, que, nesses seis anos de muitos debates, estudos, apresentações, discussões, divulga sua trajetória de pesquisadores de teatro.

Abrimos o volume com a tradução da transcrição de uma conferência pronunciada pelo dramaturgo francês Michel Vinaver, feita por Bruna Luiza Munhoz, na qual o autor traça um panorama geral da história do teatro e da dramaturgia na França desde o período do entre guerras até os anos 90. Ainda sobre teatro estrangeiro, o artigo de Lucas Pinheiro, “Princípios da dramaturgia visual de Bob Wilson: Raymond Andrews e os *visual books*”, aborda a estética do grande encenador norte-americano.

A maioria dos artigos desse volume, porém, nos fala sobre o teatro brasileiro, em diversos de seus aspectos. Sobre o teatro musicado do século XIX, o texto “Jacinto Heller: Repertório de um empresário teatral (1875-1885)”, de Alécia Lorrana, traz um panorama sobre a companhia Phênix Dramática, de Jacinto Heller, uma das mais importantes do final daquele século, e pouquíssimo estudada. Seu trabalho, inédito, foi buscar as informações diretamente nas linhas dos jornais. De tema próximo, o estudo “A filha de Maria Angu e a cultura popular no teatro oitocentista” de Larissa de Oliveira Neves também trabalha sobre o tema do teatro musicado, abarcando tanto a peça francesa *La fille de Madame Angot*, de

Siraudin, Clairville e Koning; música de Charles Lecocq, a partir de uma apresentação da personagem título, popular em seu país origem, como, e principalmente, sua versão brasileira e abasileirada, *A filha de Maria Angra*, de Artur Azevedo.

Entrando para o século XX, o artigo de Sofia Fransolin, “*Rasto Atrás*: as versões que a peça carrega” traz uma comparação entre as duas versões existentes da peça *Rasto Atrás*, de Jorge Andrade. A primeira, que foi encenada pelo diretor Gianni Ratto em 1967 e a segunda, publicada no volume *Marta, a árvore e o relógio*, já com a experiência de cena. Com pouca diferença temporal, o artigo “O trabalho do ator nos primeiros doze anos do Teatro Oficina: o texto dramático e a formação kusnetiana versus a ‘liberdade antropofágica’”, de Carolina Delduque, traz uma análise da trajetória do grupo de teatro Oficina, com destaque para a encenação de *As três irmãs*, de Anton Tchekhov, que aconteceu em 1972.

Maria Emilia Tortorella apresenta, no artigo “Carlos Alberto Soffredini: 38 anos de carreira em 62 anos de vida”, uma análise do projeto estético do grande dramaturgo brasileiro, baseado na cultura nacional, cuja carreira se iniciou nos anos 60 e terminou com seu falecimento em 2001. De estética também calcada na brasilidade, a peça de Luis Alberto de Abreu, *Iepe*, é analisada no artigo de André Carrico: “Beberrão, estúpido e corno: imagem e narratividade em *Iepe*, de Luís Alberto de Abreu”.

Chegando ao teatro contemporâneo, Elen de Medeiros, no artigo “*Senhora dos afogados* e uma poética de cena de Antunes Filho”, analisa a impactante encenação de Antunes Filho, cuja leitura da obra de Nelson Rodrigues originou uma nova obra, sem deixar de lado uma interpretação calcada no texto dramático.

Boa leitura!

**Grupo Letra e Ato**